

## Proposta de Redação

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema **“Esporte e cidadania na sociedade brasileira”**, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

### TEXTO I

#### **Esporte e Cidadania no Brasil**

(Odir Cunha)

Todos deveriam ser cidadãos, mas sabemos que isso não acontece. O que pode impedir que alguém goze plenamente seus direitos civis e políticos?

Quem falou preconceito, acertou. E a pobreza extrema. Quanto mais discriminado, ou mais pobre – que geralmente dá no mesmo –, menos direitos o sujeito tem. Não deveria ser assim, mas é.

O que o esporte tem a ver com cidadania? Tudo. Tudo? Sim, no nosso País, tudo. É só pegar a história recente do esporte e traçar uma comparação com a do povo brasileiro. Andam juntas. Os exemplos são vários, mas vamos aos mais relevantes. No início do século XIX, quando estava começando no Brasil, o futebol era esporte nobre, praticado pela fina flor da sociedade e por ingleses e seus descendentes. Os clubes eram proibidos de inscrever gente pobre em seus elencos, principalmente negros.

Para jogar, alguns jogadores esticavam o cabelo com ferro quente e passavam pó-de-arroz na pele para ficarem menos escuros. Daí os torcedores de times aristocráticos, como o Fluminense, serem chamados por esse apelido: “pó-de-arroz”. O Vasco da Gama, clube fundado por portugueses, foi proibido de jogar no campeonato carioca sob alegação de não ter estádio com capacidade suficiente, mas isso era uma desculpa para tirá-lo da competição, já que foi o primeiro time do Rio a incluir negros no seu time. Então, em grande campanha popular, os vascaínos conseguiram dinheiro suficiente para construir o maior estádio do País, São Januário, em 1927, inaugurado em dia de gala contra o poderoso Santos, que sapecou 5 a 3 nos cariocas diante do presidente da República Washington Luís.

O que importa é que após esse episódio os negros garantiram gradativamente um espaço maior no nosso futebol. Hoje sua presença é marcante. A maioria dos grandes craques nacionais – Friedenreich, Leônidas, Zizinho, Pelé, Romário, Ronaldinhos, Robinho... – são negros ou de origem negra.

Não fosse o futebol, e milhares – por extensão, milhões – de negros não se sentiriam cidadãos em nosso País. Junte os brancos pobres, junte também os outros esportes e verá quantos só passaram a ser considerados cidadãos pelos seus feitos nos campos, nas quadras, pistas, piscinas. ...

Agora vamos falar de portadores de deficiência física. Quem está assistindo o Parapan do Rio? Viram como correm, como jogam? Viram aquele nadador sem braços e pernas? Pois é. O esporte está fazendo com que essas pessoas sejam admiradas e deixem de merecer apenas a nossa piedade.

Cidadania tem a ver com respeito, certo? Um povo desrespeitado – e vemos isso nos regimes ditatoriais e/ou corruptos – não consegue exercê-la. Assim, quando o esporte torna pobres, pretos e portadores de deficiência física admirados, dá a eles possibilidades concretas de ascensão social, está contribuindo para a plena cidadania.

Quando fui diretor de comunicação da Secretaria Municipal de Esportes de São Paulo, em 1997, tive acesso a pesquisas que comprovavam a relação entre a falta de áreas de lazer, a ausência da oferta de prática esportiva aos jovens, com o aumento da criminalidade.

Em outras palavras: os bairros mais violentos de São Paulo eram e são os mais carentes em equipamentos esportivos (campos, quadras, piscinas, áreas verdes). É uma relação direta, não há como negar.

O jovem que coloca seu corpo e sua energia em movimento, que compete e tem objetivos, passa a ter uma atitude mais otimista e esperançosa com relação ao futuro, aumenta sua autoconfiança e, naturalmente, afasta-se da violência e da criminalidade.

Para esta garotada, o esporte é a mão amiga que vai levá-los ao caminho da cidadania. O primeiro passo para respeitar os outros é respeitar a si mesmo, e o esporte tem esse poder.

Bem, eu poderia escrever milhares de palavras sobre o tema. Cidadania e Esporte são almas-gêmeas. Uma está intimamente ligada ao outro. Os exemplos estão aí, nos rodeando de todo lado. Dê uma olhada e perceba você mesmo.

## TEXTO II



Disponível em:

<http://www.rededoesporte.gov.br/pt-br> Acesso em 25 de julho de 2019

## TEXTO III

Esporte para divertir, distrair, apontar caminhos alternativos e recuperar jovens. Ferramenta poderosa de transformação social, a prática de atividades físicas serve como pilar de um projeto piloto de sucesso no estado do Rio de Janeiro. O Esporte e Cidadania, do Ministério do Esporte, já atende a mais de 15 mil crianças e adolescentes entre 6 e 21 anos. Os 156 núcleos estão instalados em locais de vulnerabilidade social e em unidades do Departamento Geral de Ações Socioeducativas (Degase) do Rio.

Criado em 2016, o Esporte e Cidadania começou em 56 pontos do estado, mas a alta procura dos jovens e de suas famílias justificou a ampliação, permitindo a abertura de mais 100 núcleos. Em cada núcleo, são oferecidas duas atividades esportivas e uma de artes marciais. A escolha das modalidades leva em conta atividades que já vinham sendo desenvolvidas nos locais, de modo a aproveitar estruturas e dialogar com uma demanda já existente em cada comunidade. Os resultados são animadores.

“A procura dos jovens é bem grande. Temos diversos relatos de evolução de quem participa do projeto, como alunos que tinham dificuldades na escola e melhoraram. A grande proposta não é transformar ninguém em atleta, é dar cidadania”, ressalta Ananda Rodrigues, coordenadora do Esporte e Cidadania.

Dentro do Parque Olímpico da Barra da Tijuca, onde Ananda trabalha, funciona um dos núcleos com características mais peculiares. A ampla e moderna estrutura do local que sediou vários dos eventos dos Jogos Olímpicos garante as melhores condições aos participantes do projeto. E a localização, em uma região próxima a bairros de classes sociais bem distintas, resulta na convivência entre jovens com referências de mundo das mais diversas. “Aqui todo mundo é igual”, reforça Ananda.

Foi o que percebeu a dona de casa Angela Cassemiro ao conversar com os professores do projeto. Mãe de Alexia, 20 anos, que tem síndrome de Down, queria saber se havia atividades direcionadas a portadores de deficiência. Ouviu, como resposta, que a filha treinaria junto com todos.

Hoje Alexia faz jiu-jitsu e futsal no Parque Olímpico. Recentemente, participou de competições de jiu-jitsu, o que, segundo Angela, faz com que sua filha se empenhe mais e não desista de ir às aulas do projeto. “Houve melhora na vida dela, na saúde, na coordenação motora. Ter regras e lidar com elas é algo que ajuda bastante. Ela tem essa coisa de querer medalha, querer ganhar. A gente diz que isso não é o mais importante, mas ela tem isso dentro dela”, conta a mãe de

## Atenção a jovens internos

A partir de parcerias com a Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), os professores foram treinados para atender aos mais diversos perfis de participantes do projeto. A ampla gama de beneficiados, que inclui uma larga faixa etária, não deixa de fora quem cometeu algum ato infracional e foi internado em unidades da Degase.

Dos 156 núcleos, 25 funcionam em unidades de internação. Uma equipe de assistentes sociais do Esporte e Cidadania acompanha os jovens quando terminam de cumprir as medidas socioeducativas.

Outro diferencial do projeto é o de não limitar suas ações às regiões centrais do Rio. Houve a preocupação de atender locais muitas vezes preteridos como a Baixada Fluminense e a Serra. “Recentemente, fui visitar alguns núcleos que são em locais que precisam de atividades esportivas ou culturais. São regiões que não recebem tanta atenção quanto o centro do Rio de Janeiro. Sendo um morador de uma região que fica afastada, além de fazer parte do projeto, vejo o grande benefício para essas comunidades afastadas. Estamos mostrando para o beneficiado que ele é cidadão”, explica Moisés Tedeschi, coordenador de área do Esporte e Cidadania.

Disponível em:

<http://patrocinados.estadao.com.br/esporteparatodos/esporte-e-cidadania-oferece-atividades-fisicas-e-recupera-jovens-no-rj/> Acesso em 25 de julho de 2019

## TEXTO IV

Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep 2009) revelam que apenas 26,8% das escolas públicas de ensino fundamental possuem quadra de esporte. Ou seja, das cerca de 132 mil escolas públicas da 1º ao 9º ano, somente 35.440 dispõem de locais apropriados para a prática esportiva. Nas 20.297 privadas, esse percentual chega a 57,5%. No ensino médio, a situação melhora bastante: 73,3% das escolas públicas e 79,2% das escolas privadas têm quadras de esportes.

Além das ações das várias esferas de governo, dezenas de ONGs, associações comunitárias e instituições filantrópicas desenvolvem projetos nas periferias das grandes cidades, utilizando o esporte como ferramenta para a integração comunitária e combate à violência, com o intuito de evitar que os jovens abandonem a escola e se envolvam com o crime. Essas ações vêm se intensificando em áreas de risco e sem opções de lazer, com apoio de parcerias privadas e públicas. A entidade Instituto do Esporte & Educação, por exemplo, criou núcleos esportivos socioeducativos em comunidades de 15 estados, para atendimento de crianças e adolescentes e formação de educadores.



Fonte: Inep

Disponível em:

<http://criancaesperanca.globo.com/platb/infancia-e-juventude-no-brasil/category/cultura-arte-esporte-e-lazer> Acesso em 25 de julho de 2019